

João Villares

A História de Uma Vida

ANTÓNIO JACINTO FERREIRA

EDIÇÃO
CONSERVEIRA DO SUL, Ld^a
OLHÃO
1997

A HISTÓRIA DE UMA VIDA

ANTÓNIO JACINTO FERREIRA

ERRATA

O índice existente no livro está avançado duas páginas, onde está 19 é 17 e assim sucessivamente.

DEPÓSITO LEGAL: 119453/98

FICHA TÉCNICA

TÍTULO:

A História de Uma Vida - António Jacinto Ferreira

AUTOR:

João Villares

1.ª EDIÇÃO 1997:

Conserveira do Sul, Ld.ª - OLHÃO

DEPÓSITO LEGAL: /97

TIRAGEM: 1000 Exemplares

Fotocomposição - Montagem - Impressão - Encadernação

Gráfica Comercial de Loulé

Arnaldo Matos Pereira, Lda.

internet e-mail: grafica@mail.telepac.pt

Largo das Portas do Céu (Edifício das Finanças) C/V

Tel. 089-415068 - Fax 089-415069

8100 LOULÉ

Do mesmo autor:

A VIDA EM OLHÃO NO TEMPO DO PADRE DELGADO

1ª Edição 1989 - Seminário Episcopal de S. José do Algarve

2ª Edição 1990 - Seminário Episcopal de S. José do Algarve (esgotada)

Dr. MANUEL RAMIRES, O HOMEM E O MÉDICO

Edição da Câmara Municipal de Olhão 1991 (esgotada)

OLHÃO E ABÍLIO GOUVEIA - O HOMEM O HISTORIADOR O OLHANENSE

Edição da Câmara Municipal de Olhão, 1994

Em preparação:

- **ADRIANO BAPTISTA - Pintor, Poeta e Guitarrista**

- **OS MESTRES QUE DEUS ME DEU**

CAPA

GRAÇA BRÁS

Grande artista Olhanense que, com a sua colaboração graciosa, muito enriqueceu este Livro.

FOTOGRAFIAS

As fotografias a cores que ilustram o texto, são do artista Jorge Corte-Real. Foram escolhidas de modo a dar uma ideia do ambiente em que viveu o biografado.

Quanto às fotografias a preto e branco, pedimos desculpa de alguns leves defeitos, o que se deve à sua antiguidade.



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, AOS 28 ANOS DE IDADE.

EXPLICAÇÃO DO AUTOR

Por certo, que muitos leitores se vão interrogar sobre a utilidade deste trabalho, que trata da vida de um industrial conserveiro.

É uma pergunta razoável, nestes desvairados dias que atravessamos, onde grande número de pessoas, procura colher, sem antes ter tido o cuidado de preparar o terreno e escolher os bons colaboradores. Organizar uma empresa, montar um negócio é relativamente fácil. Difícil é mantê-lo em pleno rendimento.

Nunca houve tanta gente, como nestes últimos tempos, a lançar-se na aventura, de criar um negócio, de fundar uma empresa, de encontrar o seu lugar ao sol, no mundo do comércio ou da indústria.

Por outro lado, também é certo, que esta época é aquela, onde se verificam maus negócios, fecham-se empresas e sucedem-se as falências.

Não temos a ridícula pretensão de dizer o que devem fazer, ou ensinar seja o que for a alguém, para vencer na vida. Apenas desejamos apontar um homem, que graças aos seus métodos de trabalho e persistência, no meio duma derrocada total na indústria, por entre dezenas de concorrentes, conseguiu sobreviver, e legar uma obra cheia de vida, que aí está diante de nós.

Os trabalhos publicados, sobre Olhão, os seus problemas e a sua gente são poucos. E daquilo que alguns escrevem é preciso ser prudente em separar a verdade da fantasia.

Dada a rara bibliografia olhanense, tivemos que consultar centenas de jornais e revistas, para encontrar qualquer notícia sobre pescas e conservas.

Todas estas reflexões vêm a propósito das dificuldades que sentimos para escrever este livro. Com efeito é duma penosa escassez, a falta de trabalhos escritos sobre o problema da pesca e da indústria conserveira de Olhão.

Felizmente, o autor encontrou auxílios e boas vontades de amigos, que foram fundamentais para levar a cabo esta tarefa. Por isso, quero aqui deixar expresso o meu muito obrigado aos senhores:

José Alberto Gomes Neves
Julio dos Santos Gonçalves
Julio Francisco Lopes
José de Sousa Cabrita
Giuseppe Cocco
António Oliveira - Mestre de Redes
Herculano Valente
Manuel Domingos Terramoto
Raymond Vakinine
Francisco Augusto Palmeiro (Brasil)

Desejava contudo destacar, Manuel Luciano Pité, e José Francisco Bruno, pela paciência e tempo que me dispensaram.

Uma palavra pela grata amizade de João Correia Santana, que me facultou vários elementos e me orientou na pesquisa da origem e mudança das várias designações comerciais de dezenas de fábricas, no decorrer dos anos.

O Autor

PREFÁCIO

A Honra e Responsabilidade que assumi ao fazer as notas introdutórias a António Jacinto Ferreira, homem que conheci em 1960, com 57 anos de idade e a quem estive ligado até ao fim da sua vida, impõe-me respeito e capacidade.

António Jacinto Ferreira era pai de três filhos, António Jacinto Ferreira Júnior, Humberto Jacinto Ferreira e Jorge Jacinto Ferreira, e ainda vivia em consternação e sofrimento a perda da sua filha Ermelinda.

Aparecemos na Empresa pela mão de um amigo de seu filho mais velho, que tinha uma grande organização em Faro, como sendo um grupo capaz de orientar a Conserveira e preparar os documentos para apresentação da Contribuição e Dados para Gestão.

Na altura trabalhava a seu lado António o mais velho, o Humberto dava os primeiros apoios na fábrica e aparece depois o Jorge.

Mas quem era António Jacinto Ferreira?

Como vai descrito, de fracas posses, com 15 anos, em 1918, chega a Olhão, que já tinha eleito como sua terra, pelos desígnios e comunhão de actividade o atraiu, bem como por aquilo que o Sporting Clube Olhanense naquela idade representava.

Olhão, na época que começamos a frequentar a Conserveira, sendo uma terra simpática, exalava sempre um odor desagradável e apesar do nosso trabalho continuado e na maioria dos casos tardio, principalmente por essa e outras razões pernoitávamos em Faro, fazendo normalmente as refeições na companhia do pai e filho mais velho, que assim gostavam de saber a nossa opinião.

Estabelecemos um elo muito grande com este homem que nos procurava para definirmos soluções financeiras e com ele tracei o primeiro organigrama da Conserveira do Sul, Lda.

- Ao António, que seria o seguidor directo, era atribuída a parte administrativa;

- Ao Humberto toda a parte de produção, transformação;
- O Jorge ficava com a pesca, sendo na altura o que tinha mais problemas e com menos resultados, e por isso apoiado pelo pai e irmão mais velho;
- A distribuição que incluía transporte seria uma secção afectada a todos.

Um homem que soube sempre escolher os seus colaboradores, que tanto estimava e com uma concepção de indústria vertical, desde a procura dos meios de produção transformação e colocação do produto final no cliente, visão muito rara na época.

Assisti, com este homem, a uma recepção no Banco Espírito Santo feita pelo Dr. José Roquette a quem apresentei, e as primeiras palavras que recordei com satisfação: “Tenho da Administração do Banco, principalmente do Dr. Manuel Espírito Santo, que neste momento está ausente, a indicação para que transmitisse ao Sr. Ferreira que “aqui não é um qualquer cliente,” mas um amigo de muita confiança de longa data, fará assim o favor de dizer o que pretende.”

Convivi com muita amizade com este homem de forte personalidade em momentos bons e menos bons, assim o quis quando num Sábado, algures em 1985 me telefonou dizendo “preciso de si aqui e hoje” acaba de falecer o meu filho Humberto e tenho necessidade de desabafar consigo. Choramos ambos e em conversa tão íntima como amiga, era meia-noite desse sábado: disse-me;” agora vai embora, depois lhe telefonarei para aparecer e continuarmos com mais serenidade”.

Quando pensou em montar a primeira câmara de frio, veio a Lisboa e para além de outros assuntos disse-me estar decidido a fazê-lo, embora não tivesse a concordância dos seus filhos e sócios. Explicou-me as vantagens, falamos no problema financeiro; resposta: “A minha vida é feita para Família, Fábrica, Recreativa e Sporting Clube Olhanense”, e isto fazendo parte da Conserveira faz parte da minha vida, e é de certeza rentável, visto que começo a ter peixe para laboração contínua.

Posteriormente veio a verificar-se que foi um golpe de génio do homem que conhecia estruturalmente a indústria.

Quis estabelecer protocolo com outros industriais para uma defesa corporativa do sector, contribuindo com a sua grande aprendizagem da escola da vida, da qual tinha um conhecimento empírico muito grande.

A pedido de António Jacinto Ferreira fiz uma semi-auditoria à Companhia Hispano-Portuguesa de Conservas, S.R.L., em Ayamonte (onde hoje funciona “Os Arcos”) e após ter-lhe dado a minha opinião, pediu-me que a transmitisse aos seus filhos. Como apontamento fica que toda a produção era exportada, sendo considerado um dos melhores produtos anchovados existentes nos mercados mundiais.

Posteriormente veio a Lisboa para me comunicar que o Alcaide de Huelva, através do Ministério de Indústria Espanhol, colocava ao seu dispor na Costa Espanhola terreno e financiamento para uma fábrica de conservas, mas que já não se sentia com idade para esse estimulante projecto.

Apesar de todo o meu incentivo, a sua recusa era também que a sua vida estava totalmente ligada a Olhão, que em determinado momento tão ingrata lhe foi.

Nos seus últimos anos fez uma coisa que muito lhe agradava, escrever, denunciando as injustiças de que foi alvo, sendo esquecido pelo tempo gasto nas colectividades, as responsabilidades pessoais assumidas juntamente com o António, em prole da prosperidade delas.

António Jacinto Ferreira conquista por mérito próprio lugar nas colectividades pobres e ricas de Olhão, pela obra feita, e embora sendo uma sociedade fechada era bem aceite em todas elas.

De origem modesta, a sua apresentação era: Perseverança - Trabalho - Fé - Senso.

Aos 87 anos, em 21 de Janeiro de 1990, faleceu em Olhão, mas em 16 de Junho de 1996 a Medalha de Ouro da Cidade atribuída à Conserveira do Sul é originariamente obra de António Jacinto Ferreira e só depois dos filhos.

Os seus continuadores António e Jorge, os seus descendentes, bem como os do seu falecido irmão Humberto podem orgulhar-se do nome do seu Pai e Avô, lembrando-lhes que têm neste vosso amigo, o colaborador de sempre.

Parede, Maio de 1997

Carlos Alberto de C. Marvão
Licenciado em Finanças

1º CAPÍTULO

UM JOVEM CHEGA A OLHÃO

Em 1918, quando chega a Olhão, António Jacinto Ferreira, era um rapaz de 15 anos de idade. Alto, magro, mostrava uma certa vivacidade, que a sua vida de modesto vendedor de peixe ao público, tinha desenvolvido.

Nascera em 15 de Janeiro de 1903, na freguesia de S. Clemente de Loulé, filho de Francisco Jacinto Viegas e de Maria da Conceição Ferreira.⁽¹⁾ Seu pai, tendo partido para a Argentina, não mais deu sinais de si. Aos três anos, vai com a mãe e o padrasto, filho único da primeira união, para Beja. Aqui aos nove anos faz a quarta classe, e começa a trabalhar na venda do peixe no mercado da cidade. Calçando uns toscos socos, como ele gostava de recordar, estava à frente da sua banca de madeira e vendia uma ou duas caixas de sardinha por dia.⁽²⁾

Aos 12 anos ia com um burro buscar peixe a Mértola. O jumento vinha carregado e ele a pé. Mais tarde compraram uma carroça e uma mula. Procura melhorar a situação, comprando mais barato, eliminando os intermediários. Por isso resolve ir até Setúbal, que nesse tempo era o mais importante centro de venda de sardinha.

Foi à aventura, pois não tinha familiares, nem ninguém conhecido nessas paragens. Mas confessa mais tarde:” o negócio sempre esteve no meu pensamento. Eu queria vender mais, e mais barato comprando directamente na origem.”⁽³⁾

Ele narra com pormenores a sua primeira saída de Beja. “Cheguei de madrugada a Setúbal e logo procurei o cais. Vi uma enorme quantidade de mulheres, que à cabeça transportavam compridas canastras de sardinhas, acabadas de chegar dos galeões, com destino a um grande armazém próximo e por isso depressa despejavam a sardinha, e voltavam logo para o cais.

Dirigi-me a esse armazém, e pela porta observava o que ali se fazia. Um

(1) António Jacinto Júnior

(2) António de Oliveira - Mestre de Redes

(3) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
in Sport. Olh. - 1979 N° 291

numeroso grupo de mulheres, retirava com pequenas canastras, das muitas e grandes dornas, as sardinhas já “salmoradas” e as *acamavam* em caixotes apropriados.

As sardinhas com pequenas camadas de sal, eram conservadas para consumo interno no Alto Alentejo. Ao presenciar todo aquele trabalho, avistei um senhor de meia idade, bem vestido que fiscalizava as operações de salga e deduzi tratar-se do respectivo proprietário.

Na verdade não me enganei e isto porque o dito senhor, a mim se dirigiu a perguntar-me o que eu pretendia e fê-lo com um sorriso: Então você é de Olhão e como tal do Olhanense ? o dito senhor tinha reparado para a lapela onde estava o emblema do “Despertar”. Como há semelhança nas cores e até no desenho do próprio emblema, do clube “Despertar” de Beja e o Sporting Clube Olhanense, julgava que eu era de Olhão.

Respondi-lhe: Não. Não sou de Olhão, mas sou do Olhanense ! Dir-me-ia ele : Eu também tenho grande admiração por esse clube. Aliás aqui em Setúbal, o Olhanense está a ganhar muita simpatia, devido às notícias elogiosas vindas através dos jornais. A seguir perguntou-me o motivo da minha presença na cidade: estou aqui para trabalhar. Em que negócio?

Disse-lhe que pretendia comprar peixe para a zona de Beja, onde já, contava com seis clientes, mas ainda não tinha, para isso reunidas as condições necessárias, especialmente o necessário local de trabalho.

A este meu lamento, pediu-me para entrar nas instalações e indicou-me um grande espaço que se encontrava vazio e exclamou : Aqui o tem para si e de “Borla”. Agradei com todo o meu reconhecimento, tanto mais que a sua gentileza não ficou por aqui.

Na verdade, o bom e hospitaleiro homem, dispensar-me-ia as sardinhas, algumas caixas e sal, tudo pelo mesmo preço que as tinha adquirido, e as próprias operárias prepararam seis caixas de sardinhas de que eu necessitava para começar e nesse mesmo dia, fi-las seguir para Beja e disso avisei os meus clientes por telegrama, a todos enchendo de surpresa pela rapidez com que tinha resolvido o problema.”⁽⁴⁾

(4) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
in Sport. Olh. - 1979 N° 291



ASPECTO DA AVENIDA DA REPÚBLICA, NA ÉPOCA DA CHEGADA DE ANTÓNIO JACINTO FERREIRA A OLHÃO. NO PRIMEIRO PLANO O “ANÃO”, FIGURA POPULAR NA VILA.

Convém aqui reparar, que deixando de estar à frente da sua banca de peixe a atender a freguesia, procurou servir outros concorrentes, aumentar o seu negócio, indo comprar directamente à origem estendendo assim o seu poder de compra. Tendo em conta que tendo apenas treze anos de idade, temos que admirar a sua visão e força de vontade.

Continuando a desfiar as suas recordações, vai contando a sua aventura. “Permaneci 15 dias em Setubal e como se aproximasse o Verão época difícil para conservar as sardinhas pelo sal perguntei ao meu novo amigo, se já havia feito a experiência de, através da aplicação do gelo nas sardinhas, conservá-las. Respondeu-me que várias experiências tinham sido feitas por ele e pelos colegas, mas com resultados negativos e tinham chegado à conclusão que o peixe miúdo (sardinha e carapau) não tinha consistência para serem conservados pelo gelo.

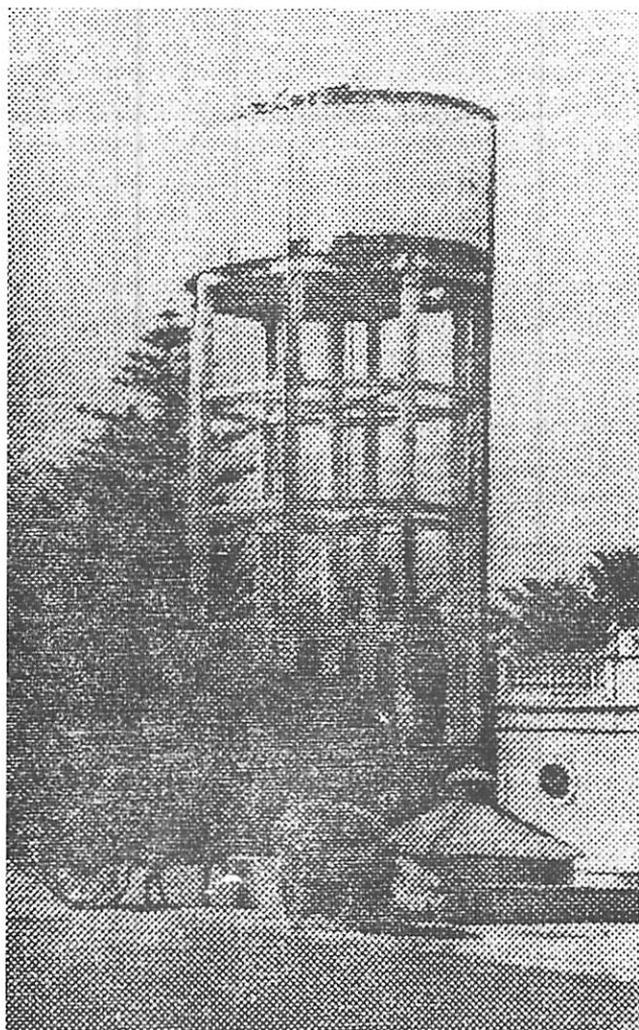
Fiquei decepcionado com esta informação. Resolvi ir a Lisboa ver a possibilidade de comprar peixe “Grosso”, e entre este o peixe chamado pescada. Aí na Ribeira Nova, comprei algumas caixas de pescada que fiz seguir para Beja. Pedi informações sobre a conservação da sardinha em gelo, mas a resposta foi sempre a mesma. As experiências feitas resultaram sempre em fracasso.”⁽⁵⁾

Regressa a Beja, mas por pouco tempo. Sentia-se atraído por Olhão, que era o segundo porto de pesca depois de Setúbal, e não hesita, parte para o Algarve. Ele conta a sua chegada a Olhão.

“Eu tinha 15 anos de idade, e tal como havia acontecido em Setúbal e Lisboa, eu não conhecia ninguém em Olhão. Era mais uma aventura! Contava, apenas com Deus. Cheguei à estação, por volta das oito horas da manhã. À saída da mesma, avistei à direita, ao lado da cerca, uma rua que se cruzava com uma outra, e ao lado esquerdo uma grande taberna, muito frequentada e em frente dela, um espaçoso jardim, embora maltratado, com frondosas arvores e uns toscos bancos de madeira.

“Um estreito caminho conduzia a um largo poço, onde avistei vários carros muares. Ai me detive e vi no enorme poço, uma grande bomba manual accionada por uma roda de ferro, com um cabo do mesmo material, e numerosos cântaros de barro com duas asas em que os homens seguravam, e depois de cheios os faziam entrar nuns lugares apropriados existentes nos carros. Salvo erro, 12 daqueles cântaros completavam uma carrada, que depois seguiam o seu destino, enquanto outros homens aguardavam a sua vez. Eram os aguadeiros

(5) Ibidem



O DESAPARECIDO POÇO NO JARDIM JOÃO SERRA, ONDE OS
AGUADEIROS ENCHIAM OS CÂNTAROS E DE QUE JACINTO
FERREIRA FALA NUM DOS SEUS ARTIGOS

que abasteciam os domicílios e não só, a baixíssimo preço”⁽⁶⁾

Embora longa, continuamos esta descrição da vila de Olhão, como ele a viu e sentiu nesse tempo, pelo que ela representa de pitoresco, e pela sua maneira de reagir perante usos e costumes, que hoje desapareceram.

Ao mesmo tempo, as observações deste jovem sobre o ambiente da terra, onde sem o suspeitar iria viver durante dezenas de anos e desempenhar um prestigioso papel na vida industrial e social, ajudam-nos a compreender a sua maneira de sentir e a sua abertura aos problemas que ele mais tarde vai ter de enfrentar.

Continuando o seu relato escreve: “Saindo do jardim da estação, vi num edifício de primeiro andar, uma placa com esta legenda toponímica, “Avenida da República”. Era este o nome da larga artéria. Segui por esta avenida, com prédios altos e baixos, e a certa altura, com muita surpresa, deparei com um largo canal cheio de água salgada, que vinha de uma rua que levava ao mar, e que terminava numa travessa. Ao lado da mesma um grande edifício térreo, muito bem tratado e que deveria, ser a residência de gente importante.

A fachada era coberta de vistosos azulejos, e largas janelas e o mesmo se vislumbrava para o lado da travessa. Parei junto deste canal, onde vi pequenos barcos carregados com ervas marinhas (Morraça) que em golpelhas de palma, eram carregadas sob o dorso de alguns burros. Para que fim se destinava esta morraça? Eu não sabia. Somente admirava o canal e os burros.

“A seguir ao canal, um enorme edifício com primeiro andar e a ele seguiam-se de um lado e outro, pequenos e grandes prédios térreos. Em frente e a terminar a extensa e larga avenida, deparei com uma imagem de Cristo, que tinha à sua volta enormes velas de cera acesas. Junto ao gradeamento, muitas senhoras com grandes capas negras vestidas, capas que lhe escondiam todo o corpo, incluindo a cabeça e o rosto. Eram os tradicionais biocos que não permitiam ver-se-lhe os rostos, já que as senhoras não erguiam a cabeça.

Rezavam comovidamente, e davam volta aos seus rosários e não se preocupavam com as pessoas que paravam ou passavam. Eu fiquei deveras sensibilizado ao contemplar tamanha devoção, e lembrava-me de Beja, onde a altas horas da noite se ouviam estrondos de enormes bombas explosivas atiradas contra as portas das igrejas e da própria residência do bispo.

(6) Ibidem

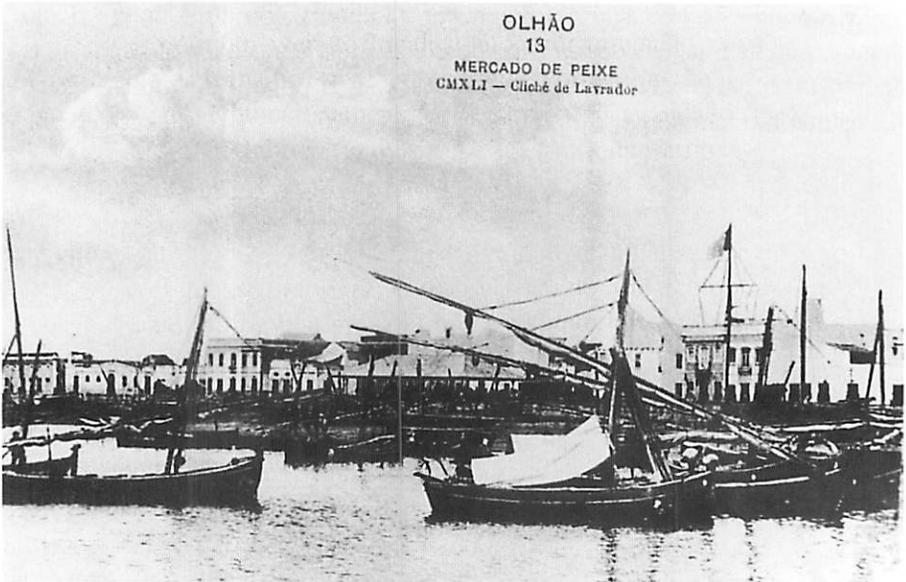
Pois esta panorâmica da fé e devoção a Deus, que os meus olhos presenciavam em Olhão, onde todas as pessoas que por ali passavam dobravam o joelho e na testa faziam o sinal da cruz, marcaram-me para sempre. Marcaram-me também para sempre, a maneira como os rapazes e os homens tiravam os bonés e os chapéus da cabeça, em sinal de respeito pela imagem de Cristo e eu nesse primeiro contacto e pelos tempos fora fiz o mesmo. Fi-lo comovidamente! Tudo para mim era diferente nesta terra de Olhão.

Até vi um forte e robusto homem, de rosto queimado pelo sol, vestido com uma grossa camisola de lã calçando umas altas botas de borracha que lhe cobriam os joelhos, tirar o grosso boné da cabeça e dobrando o joelho fez o sinal da cruz na testa. Isto impressionou-me de tal forma, que aproximando-me dele, lhe perguntei o que significava a capela que estava à nossa frente. Respondeu-me : O menino não sabe que isto é a capela do “Nosso Senhor dos Aflitos”? O menino não é de aqui?

Respondi-lhe que acabava de chegar a Olhão vindo do Alentejo. E no Alentejo não há imagens destas? Respondi - Sim há imagens, mas as mesmas encontram-se encerradas. Estão encerradas, mas o povo é devoto de Deus, mas há quem o não deixe sê-lo.”⁽⁷⁾

(7) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
in Sport. Clube Olh. - 1979 N° 292

OLHÃO
13
MERCADO DE PEIXE
CMXLI — Cliché de Lavrador



AO FUNDO, VISTA PARCIAL DA FABRICA "SOCIÉTÉ DES
ÉTABLISSEMENT F. DELORY" ANTIGA FÁBRICA "VELHA",
ORIGEM DA CONSERVEIRA DO SUL, Ldª